



Fonte da imagem: <https://www.g.co/en/Clusters/20th-TCI-Global-Conference-Bogota-Colombia>

## Bogotá, capital com jeito de capital

A vinda para a Colômbia foi motivada pelo desejo de conhecer Cartagena das Índias, mas é claro que não podia perder a chance de, também, ver Bogotá.

A surpresa foi boa, pois a cidade é grande, mas não colossal como São Paulo, o que faz a gente se sentir melhor, uma vez que a escala do cotidiano combina mais com as nossas possibilidades de ir e vir, em apenas três dias. É claro que, em tão pouco tempo, não se conhece uma cidade, mas pedacinhos dela e o centro foi nossa escolha principal, pois lá estão museus importantes e parte considerável do patrimônio histórico da cidade.

Bogotá tem 8 milhões de habitantes, mas quando se conta o conjunto da área aglomerada o total alcança 11 milhões. Seu aspecto metropolitano é, então, muito marcante e evidencia que, apesar de haver outras cidades importantes na Colômbia, que ultrapassam o milhão de habitantes, aqui está o comando da vida política e econômica do país.

Desde 800 anos a.C, há gente vivendo neste sítio onde está a cidade, mas ela foi fundada, como Santafé de Bogotá, em 1538. Durante todo o período de domínio espanhol rivalizou com Cartagena para ocupar o posto de cidade mais importante do país, mas, a partir da independência, sua função de capital deu-lhe o papel primaz na rede urbana colombiana.

Quando entramos na cidade, vindo de noroeste onde está o Aeroporto El Dorado, e nos dirigimos ao nordeste da área construída e ocupada, para chegar ao Hotel HN Collection Royal, percorremos cerca de 15 km, andando por parcelas do espaço urbano, muito bem organizadas. Prédios modernos, vias rápidas, canteiros ajardinados, com o adicional das luzes da decoração de Natal que ainda estão acesas, pelas ruas por onde passamos. Esta Bogotá, pelo que pude ler é muito diferente da Bogotá do sul e do oeste, onde estão os mais pobres da cidade, espaços estes que, pelo que se tem de informação, estão muito controlados pelos grupos de tráfico de drogas e onde nem chegamos a ir por falta de um “nativo” que nos orientasse a como circular por estes espaços não turísticos.

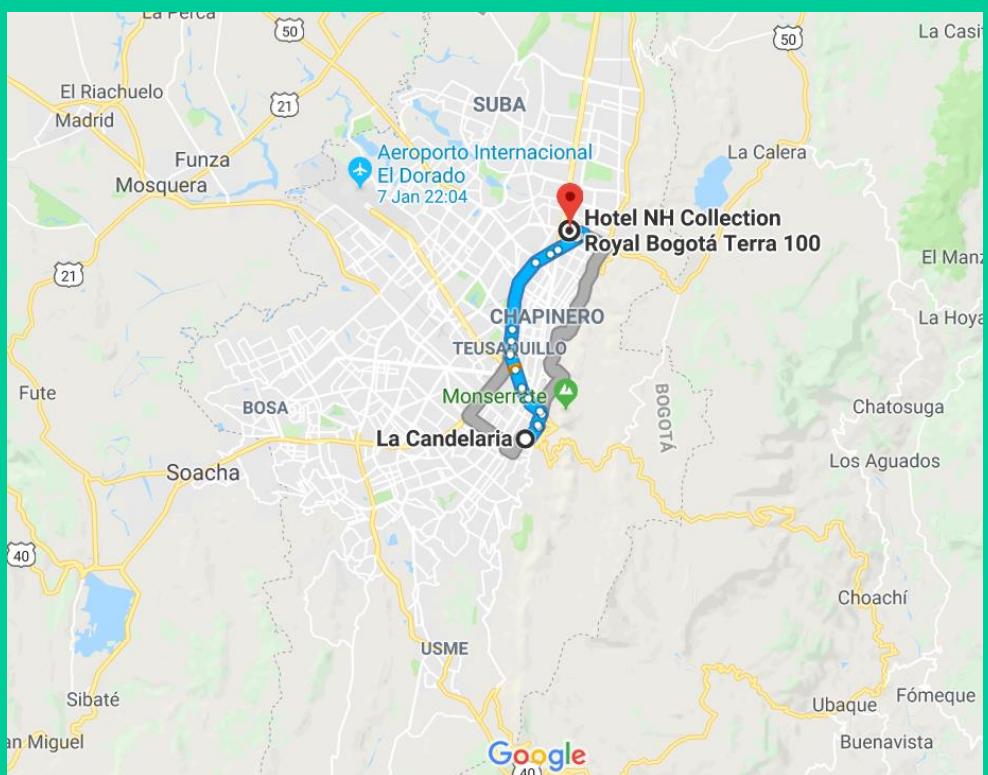
O nosso hotel está entre os bairros Chapinero e Usaquén, ambos voltados para os segmentos de médio a alto poder aquisitivo. A Calle 100N, onde ele se localiza, é ocupada por edifícios corporativos, algum comércio de vizinhança e prédios de apartamentos. No geral, para estes últimos, predominam as fachadas de tijolos à vista e, para os primeiros, as de aço e vidro.

O plano urbano predominante é ortogonal, o que ajuda a compreender a nomenclatura das vias: *calles* vão do oriente (onde estão os Andes) para o ocidente (aqui eles não usam muito leste e oeste), e são nomeadas por números crescentes para o norte (N) e para o sul (S), a partir do centro.



São cortadas por *carreras* que têm o sentido vertical, quando posicionamos o norte acima, e são enumeradas a partir do Oriente (neste caso, a referência para iniciar os números está nos Andes). Depois que a gente entende a lógica, fica até mais fácil, mas, sinceramente, ruas sem nomes parecem não ter personalidade. Esta foto que está ao lado foi um registro feito a partir do centro da cidade, na porção em que há maior densidade de edificações antigas e, nela, pode se ver, ao fundo, que a cidade pouco cresceu para o leste por se vislumbrar os primeiros contrafortes dos Andes.

Foi a Agência Terra Mundi que nos organizou esta viagem, quem sugeriu esta opção de hospedagem. O hotel é muito bom, moderno, limpo, prático, mas está a certa distância do centro da cidade, chamado de *La Candelaria*. No geral, levamos 20 a 30 minutos de táxi para percorrer os 15 km que separam estes dois pontos.



Se vocês observarem bem no mapa acima, o centro da cidade fica bem deslocado no conjunto da cidade, pois se percebe que ela cresceu muito mais para o norte e para oeste do que para o sul e para leste. A cidade é toda ladeada, em sua porção oriental, pela Cordilheira dos Andes, o que explica porque não houve expansão nesta direção.

Começamos a conhecer a cidade por meio das sugerências feitas pelo condutor Juan Carlos. Foi ocasional. Na Colômbia, há os táxis comuns – pequenos veículos amarelos que estão por todo lado – e os que servem aos turistas e executivos – carros maiores sempre brancos e conduzidos por motoristas melhor preparados para orientar os ‘estrangeiros’. No primeiro dia, ao solicitarmos este serviço na recepção do hotel, veio a nós Juan Carlos, uma figura de gente. Baixo,

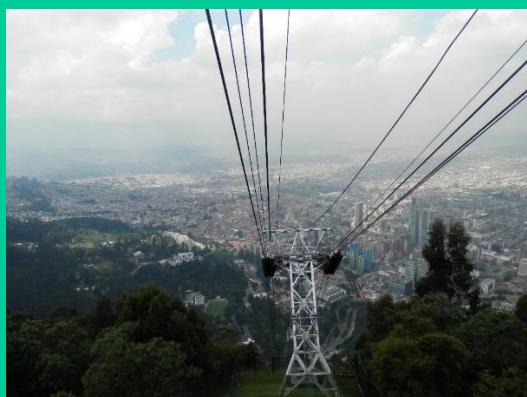
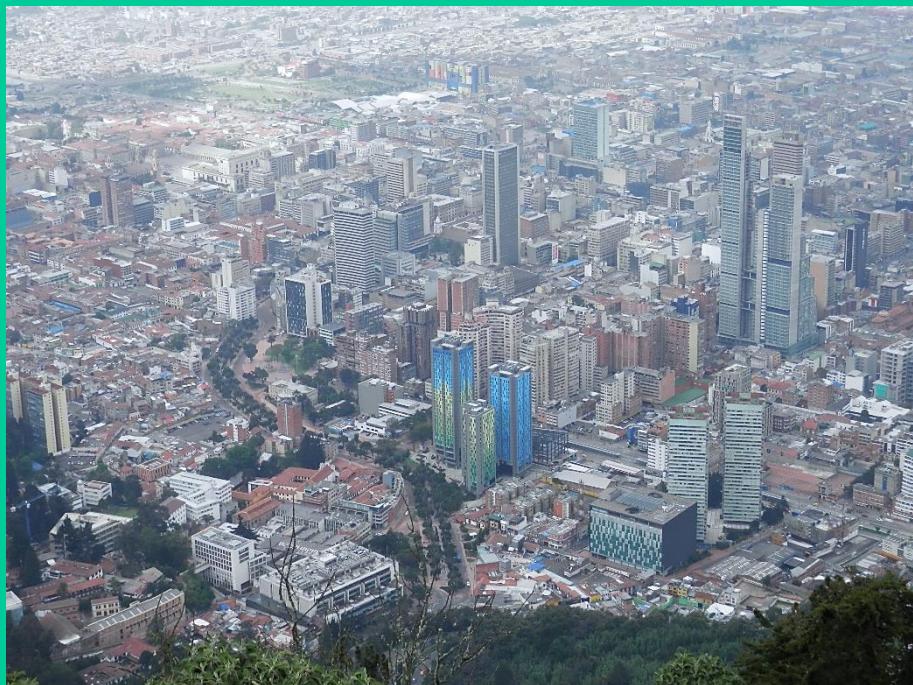
barrigudinho, vestido de modo formal (no segundo dia, apareceu de terno) e extremamente falante, mas tão falante que cinco minutos após termos entrado no seu carro com a intenção de ir, apenas, até o Cerro de Monserrate, já tínhamos esticado a programação, a partir do que ele nos oferecia – cinco horas conosco para nos levar aos principais pontos. Não é exatamente o tipo de turismo que gostamos de fazer, mas é como se não desse para dizer não a ele, tamanha a gentileza e a capacidade de argumentar, mostrando que seria muito melhor este pacote completo. Até o final do dia, ele já estava contratado para o dia seguinte e para, no último dia, levar-nos ao Aeroporto.

Ele dirigia e ia explicando: “Aqui é o bairro dos mais ricos. Está vendo aquele prédio branco? Shakira tem apartamento lá. Este outro, à direita, é o mais alto de Bogotá com 72 andares. Antes o maior era aquele, onde está a sede da empresa Avianca. Por aqui um apartamento pode custar milhões de pesos colombianos...” E seguia ele, tagarelando e fazendo os cálculos, a nosso pedido, de quanto valeria o metro quadrado construído. Se as informações estiverem corretas, em média, o preço é menos da metade do que custa em São Paulo, o que não quer dizer que seja barato. A certa altura do caminho, ele para o carro no acostamento para vermos a cidade de um excelente ponto que se prestava a um ótimo mirante. As três fotos que se seguem foram feitas a partir deste ponto. As primeiras mostram a verticalização nas áreas centrais e pericentrais. A última é um registro de uma pequena área favelizada que estava logo abaixo do mirante, num setor bem valorizado da cidade, razão pela qual ela também já se verticaliza. Veja, na primeira foto, o tal edifício de 72 pisos, assinalado com a flecha.





Seguimos, depois, até chegar ao Monserrate e Juan Carlos nos informou que teríamos uma hora para fazer o passeio. Pareceu razoável. No entanto, daqui a pouco, já nos deparamos com uma fila considerável para a compra dos bilhetes. Vencida esta etapa, outra fila para entrar no teleférico. Já se foram 35 minutos. Chegando lá em cima, um pouco de decepção, afinal, em função da distância, a vista era menos bonita do que a que tínhamos tido uma hora antes, sem pagar nada e sem ficar em fila. Não recomendo. De todo modo, insiro outras fotos que foram feitas a partir de lá. A partir desta perspectiva e de vários outros pontos da cidade, o tal grande edifício se destaca, é claro, mas, a mim, chamou mais atenção os três prédios com a fachada em tons de azul ao verde. Na fotografia subsequente, à esquerda, feita a partir do teleférico, vê-se, no horizonte, a cidade sem fim. Fiquei com a impressão que a poluição é grande na cidade, porque o dia estava bonito e as fotos não ficaram muito nítidas. Do Monserrate vê-se, numa elevação próxima, a imagem da Nossa Senhora da Candelária. Não é do tamanho do Cristo Redentor, mas está lá abençoando a cidade.





A igreja que havia lá em cima era bonita por dentro, embora simples. Cada vez mais gosto das igrejas que são claras por dentro: este é meu critério número um. Por fora, nem consigo avaliar, tantos eram os penduricalhos da fachada, em decorrência do período natalino. Deveria ser proibido, em monumentos históricos, este tipo de ornamentação contemporânea que nos impossibilita de, efetivamente, ver as fachadas das edificações.



Descemos rapidamente, com medo de nos perdermos do Juan Carlos (como nos perdermos do Fabian, em Cartagena) e seguimos para a área central que, como já informei, é chamada de *La Candelaria*. Iniciamos nosso passeio neste setor da cidade, pelo Museo del Oro, o mais importante da Colômbia, ou, ao menos, o mais indicado nas matérias que orientam os turistas.

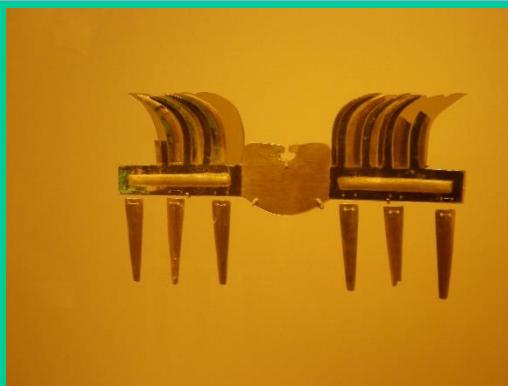
Realmente, é uma visita que vale a pena. Poderia ser melhor, se não tivesse tanta gente e, sobretudo, alguns grupos que, quando se postavam à frente de uma das vitrines onde estavam acondicionadas as lindas peças, não permitiam que ninguém mais pudesse ver nada, até que findasse a longa explicação dada pela guia. A abundância de peças, a delicadeza de algumas e a boa museologia, no que toca aos

painéis explicativos e às orientação aos visitantes me deixaram com a impressão de que seria bom voltar algum dia lá. A visita, como sempre, termina na loja do museu, onde tudo era muito bonito e muito caro. Várias réplicas das peças expostas estavam à venda. Algumas, em ouro puro, alcançando alguns milhares de dólares e outras, apenas folheadas, na faixa de 80 a 800 verdinhas.

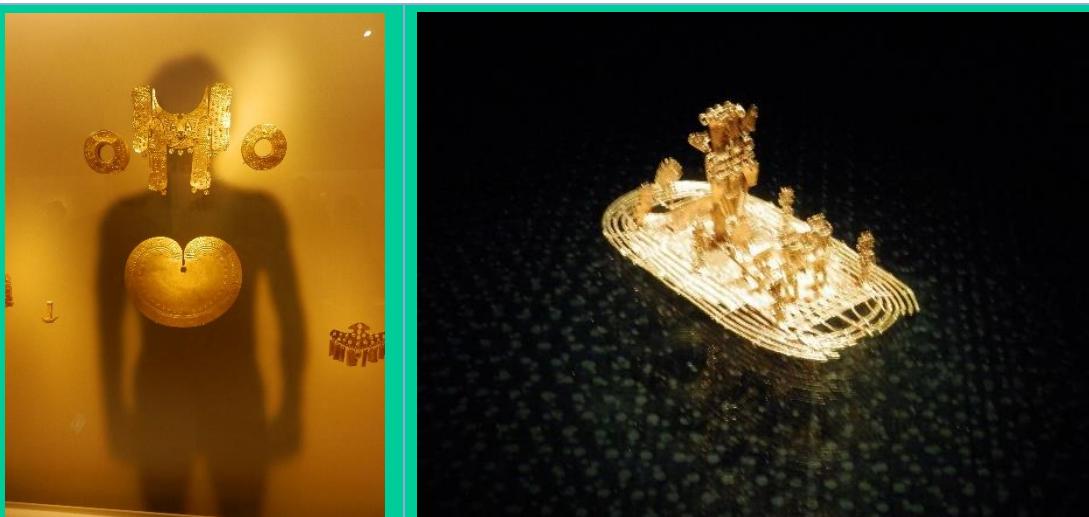
Acabamos comprando a peça da foto da primeira foto à esquerda, pensando na hipótese de enquadrá-la e pendurar na mesma parede onde já temos duas outras de prata, uma vinda da Índia e outra da Turquia. Pensando bem, antes de fazer isto, vou usar este pingente por algumas vezes.



As fotos que se seguem são das peças originais. Todas lindíssimas.

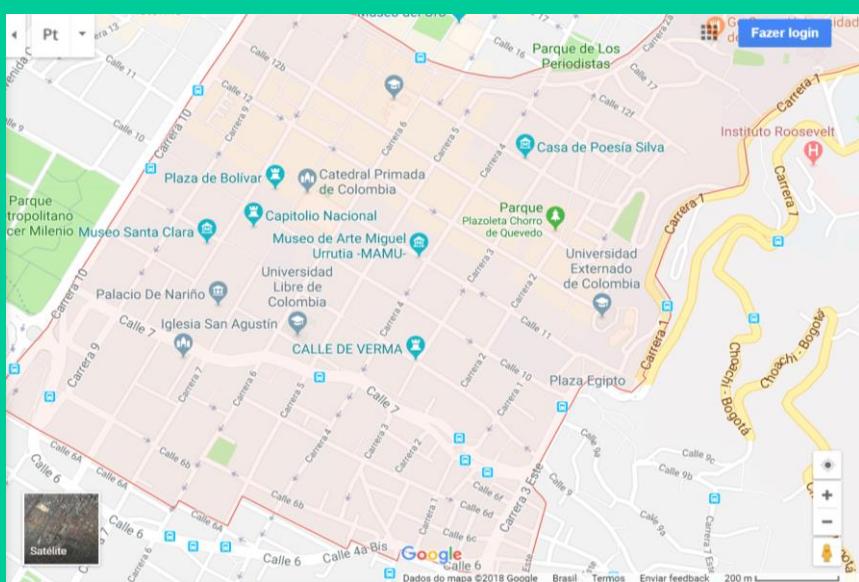


As peças abaixo, à esquerda, estão suspensas com uma figura humana projetada atrás delas, para se ter uma noção do tamanho, pois se tratam de adornos que eram usados por homens. A foto da direita corresponde a uma embarcação, com várias figuras e uma maior, que julgo ser um deus. O que impressiona é o trabalho delicado, quase em filigranas que marca esta pequena escultura em ouro.



Retomamos o veículo para andar mais um pouco, talvez, nem um quilômetro e novamente, ele estacionou o carro e foi caminhando, ao nosso lado, e explicando o que devíamos priorizar. Mesmo entrando num pequeno supermercado para comprar água e algo para matar a fome, ao sair, lá estava Juan Carlos. Comecei a ficar preocupada com a hipótese de não termos liberdade com ele sempre ao nosso lado, mas daí a cinco minutos, ele se despediu, confirmando que estaria onde deixamos o carro estacionado.

Contrariando as orientações de Juan Carlos, não entramos, em seguida, no Museu Botero e descemos pela Calle 11, em direção à Plaza de Bolívar, onde estão várias edificações importantes da cidade.



É uma típica praça orientada pelo urbanismo espanhol: grande, sem nenhuma árvore e nada de mobiliário urbano, cercada por construções monumentais, com muito espaço para a vida pública. Embora ela seja do período colonial, apenas a Capilla del Sagrario, uma pequena igreja, representa efetivamente o que se conceitua como arquitetura colonial. A Catedral é enorme e os demais prédios são mais recentes e de estilos diversos. No entanto, alguma unidade existe neste ambiente, pois as pedras que revestem as fachadas são todas de um tom amarelado, embora algumas mais sujas pelo tempo que outras, o que fica bonito num dia de sol. A Catedral Primada de Colômbia se destaca, no conjunto, pela monumentalidade e porque sua escadaria estava cheia de gente que, dali, olhava o movimento, com destaque para os vendedores de milho para pombas e para as crianças que corriam atrás das pequenas aves, que estavam afim do alimento providencial, numa metrópole desta dimensão.

Na primeira foto, podemos ver uma das laterais da enorme praça, com a Catedral à esquerda e a Capilla del Sagrário à sua direita. Na segunda, outro registro da fachada da igreja, na qual é possível ver à direita o Monserrate e, por aí, pode-se depreender, novamente, o quanto à cidade nasceu próxima aos Andes.



Na foto que se segue, à esquerda, o interior da Catedral e, à direita, o Capitólio Nacional, onde funciona o Congresso, um edifício neoclássico, que teve sua construção iniciada em 1847 e concluída em 1926. Não é propriamente bonito, mas tem sua imponência.



Andando uns 100 metros para o sul, está o palácio onde mora e trabalha o presidente da república, chamado Casa de Nariño, em homenagem a Antonio Nariño, que viveu no período colonial e que traduzia leis do francês para o espanhol, associadas aos direitos humanos e, por causa disto, foi algumas vezes para a cadeia. As ruas que ladeiam esta edificação estão interditadas à circulação de veículos e toda vigiada por guardas palacianos que são, em que pese sua função, muito educados e até simpáticos. Para passar pelas barreiras, era preciso mostrar o que havia dentro da bolsa, mas isso não era feito de uma forma acintosa, como ocorreu em Assunção, onde o tom utilizado pelo guarda, apenas porque eu estava fazendo uma fotografia, seria o mesmo que eles utilizariam para prender um bandido. Argh!

As fotos não ficaram grande coisa porque eu estava, na minha memória sensorial, com a lembrança do Paraguai e com medo de ser interceptada a qualquer momento. Sobre fazer registros fotográficos onde não deveria, qualquer hora escrevo sobre o que ocorreu comigo na Tunísia, mas agora não vou misturar os canais, ops, os países.



Olha aí abaixo o guarda na entrada principal, com as nuvens anunciando que iria cair água daí a poucos minutos. Na sequência, à esquerda, a simpatia dele, a quem uma turista pedia se podia fazer uma foto e eu aproveitei a deixa.

À direita, minha guarda pessoal, de alto nível.



Ainda tem muita coisa para falar sobre Bogotá, mas fica para outra seção deste diário de viagem.

Carminha Beltrão

Janeiro de 2018